

**ALMA D'ARAME
& A COMPANHIA
JOÃO GARCIA MIGUEL**



***A CIDADE
E OS SONHOS***



Sinopse

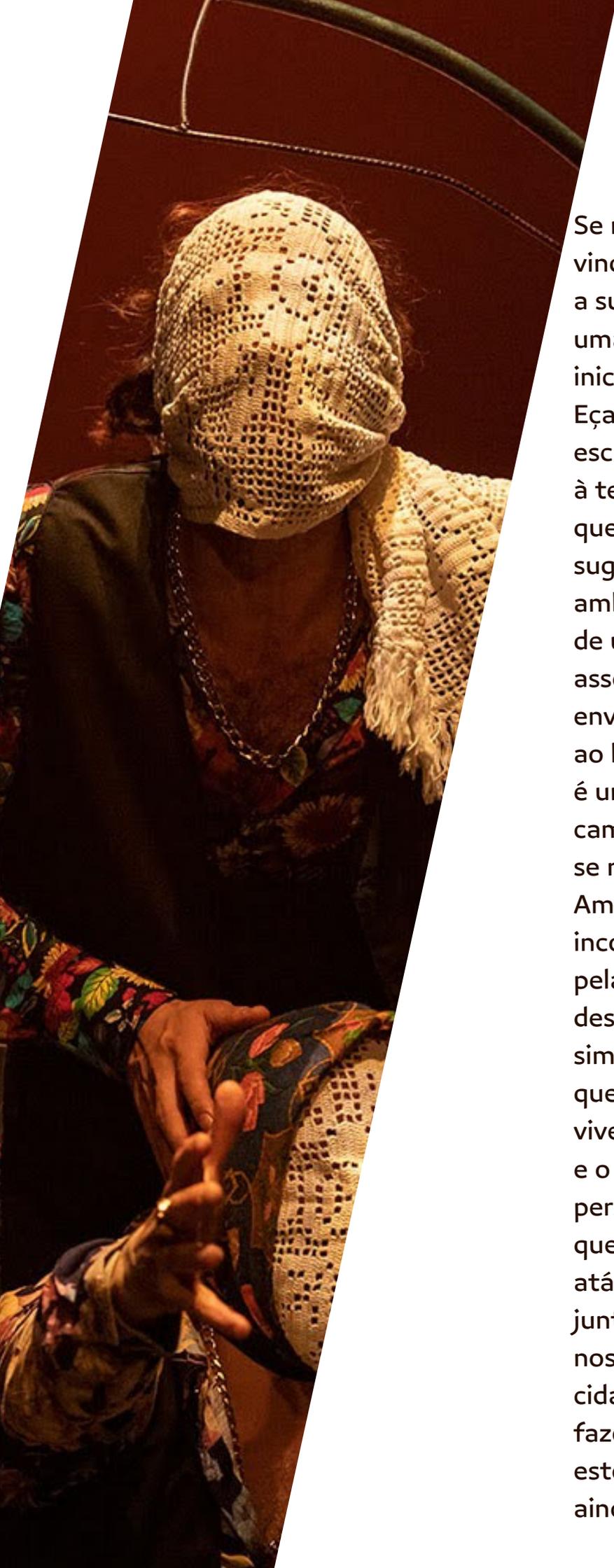


O último romance de Eça de Queiroz é um escrito apologético de uma qualquer e indefinida qualidade da vida que surge difusamente indiciada. Há na leitura do texto que fizemos uma procura das motivações do autor para se debruçar sobre um sentimento indeterminado acerca dos destinos e caminhos da civilização. Se por um lado há uma apologia de regresso à serra e ao campo, há também uma atração e maravilhamento pela cidade. Sabe-se que um terço do texto foi revisto e reescrito por outras mãos que não as do seu autor, pois este deixou inacabado o manuscrito. Hoje em dia, critica-se Ramalho Ortigão pelos excessos de autoria que se arrogou na revisão do terço final das provas que lhe foram deixadas. Contudo, para nós que estamos agora a repegar nessa obra reescrita é um fator de entusiasmo e pertinência regressar ao espaço afetivo e mental de autores que nos trazem o testemunho e sentimentos acerca de uma época, e, desse modo, fazemos uma viagem no tempo.

É, pois, sobre viagens no tempo que nos interessa abordar esta obra, sobre essa noção antiga e eterna de cruzar épocas e viver em paisagens e com companheiros que existiram algures nas linhas da história. De um modo similar, Eça de Queiroz afirmava que era uma qualidade sua, quase uma fatalidade, essa tendência para refazer livros velhos. Partilhamos com ele esse gosto e fado dos livros velhos - entrar neles é uma forma de viver na ilusão, de reconstruir fantasias sobre as ruínas que se nos antolham.







Se num primeiro impulso desta novela vinda do conto *Civilização*, que constituiu a sua génese, o que nos chega é hoje uma história menos simplista do que inicialmente foi considerado ao acusar Eça de Queiroz de uma tentativa de escrever sobre uma temática de regresso à terra natal ou de 'o que é nacional é que é bom'. Há um conjunto grande de sugestões e indícios no texto de uma ambiguidade que não se fixa. O retrato de um mal-estar de uma civilização associado a uma noção de envelhecimento generalizado é assumido ao longo do livro, mas o ponto de partida é uma grande desconfiança para com o campo. Mas o mal-estar é interior e não se resolve em nenhum dos lados. Ameniza-se. Joga-se. Mas é também uma incompreensão pelos rumos tomados pela civilização europeia. Há uma desconfiança pelo sentido de simplicidade e pobreza de vida possível que se aguarda e se espera para quem vive no campo. Há uma luta entre o ócio e o trabalho com diversas tonalidades e perspectivas associadas. Há uma pobreza que mata e dói, uma passividade aceite e atávica que nos embrutece e desmoraliza junto às pedras. Há uma ganância que nos faz desaparecer na voragem das cidades. A pergunta que fica é 'O que fazer? Onde nos situar? Como encarar este mal-estar de que estamos hoje ainda mais enfermos e expostos?'



A forma como lemos a obra é como um sinal. Esta condição humana revela-se hoje, ontem, amanhã e seja em que local estivermos. É sobre esta cegueira, sobre um teatro onde a cama é sinónimo e símbolo do que não queremos ou podemos já ver. Esse estar deitado perante a vida, essa posição de doença e morte que nos rodeia sem cessar. Ou de como diz Eça: "a costumada cama, como centro e único fim da vida, atraindo, mais fortemente que o monturo atrai os moscardos, todo um enxame de gentes, estonteadas, frementes de erotismo, zumbindo chacotas senis." O vazio de um chão plano e sem sobressaltos, a segurança de saber o que se vai passar, sem gosto pelo risco e pelas alturas levou o autor a chamar para si as serras.



TEASER





Ficha técnica e artística

Género: Teatro / Cruzamentos disciplinares

Estreia 2022

CE: M/12 Duração: 80'

Cocriação **Alma d'Arame & A Companhia João Garcia Miguel**

Texto **João Garcia Miguel** (a partir de "A Cidade e as Serras", 1911, Eça de Queirós)

Encenação **Amândio Anastácio**

Cenografia **Amândio Anastácio e João Garcia Miguel**

Interpretação **Gustavo Antunes e Rui Oliveira**

Música Original **João Bastos**

Música Tradicional Transmontana **Romance da Lhoba Parda**

Coreografia Flamenco **João Lara**

Figurinos **Rute Osório de Castro**

Costureiras **Daniela Sobreira, Susana de Oliveira, Teresa Matos**

Desenho de Luz **João Garcia Miguel**

Técnicos **João Sofio e Bruno Boaro**

Produção **André Heitor e Ricardo Falcão**

Gestão financeira e de projetos **Pé de Cabra**

Produção Executiva **Ilia Rebocho**

Gestão Administrativa **Alexandra Libânio**

Comunicação e Imprensa **André Filipe, Raquel Cunha e Rita Caetano**

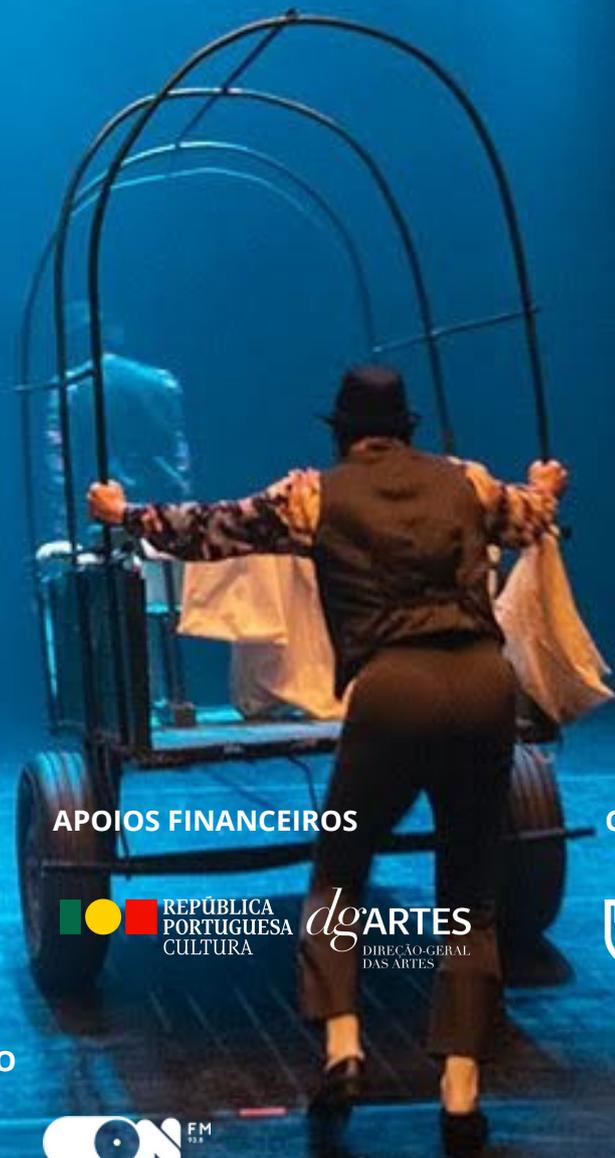
Design **Joana Torgal / UP – Unlock Produções, Lda.**

Fotografia **Tiago Fróis**

Registo Audiovisual e Teaser **Cooperativa CAL**

Alma d'Arame e A Companhia João Garcia Miguel são estruturas financiadas pela **República Portuguesa - Ministério da Cultura / DGARTES – Direção-Geral das Artes.**

Alma d'Arame e A Companhia João Garcia Miguel são membros fundadores da **Associação Descampado.**



PRODUÇÃO

alma d'arame

a
com
pan
hia
joão
garcia
miguel

APOIOS FINANCEIROS



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

COPRODUÇÃO



MONTEMOR
O/NOVO
Câmara Municipal

PARCEIROS DE COMUNICAÇÃO



ANTENA 2

GERADOR



PARCEIROS ESTRATÉGICOS



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA
DRC ALENTEJO

ta teatro
aveirense



AVEIRO
CÂMARA
MUNICIPAL



TEATRO
JOSÉ LÚCIO
DA SILVA



torresnovas
município



TA
GV



somos
parte da
descampado